

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 20 de fevereiro de 2019**

*Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja,
Ed. Cia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 341-345.*

- *Along the Jordan River*
- *Il popolo canta*

Glória

Carrón: Continuemos o percurso sobre a “santidade”, abordando duas de suas características (além do “milagre”), que são o “equilíbrio” e a “intensidade”. Surgiram muitas perguntas.

Colocação: *No nosso grupo de Escola de Comunidade tivemos dificuldade de entender o que é existencialmente o equilíbrio. Em particular, não ficou claro para nós a relação entre a unidade e o equilíbrio. Entre a unidade, que é o sintoma da eficácia da Igreja nas suas várias declinações (unidade da consciência, como explicação da realidade e como postura de vida), e o equilíbrio, que é um dos sinais de reconhecimento da santidade na Igreja. Então, nossas perguntas são: o equilíbrio é uma consequência da unidade? O equilíbrio é a unidade que compreende a dimensão do eterno e chega a abraçar também a morte? Peço que nos dê alguns exemplos. A mim, veio em mente a mensagem que você enviou para comunicar a morte de sua mãe.*

Carrón: Ouvindo os cantos que acabamos de cantar, lhe veio alguma sugestão de resposta para essas perguntas?

Colocação: *Bem... Sim.*

Carrón: Quando a pessoa tem uma pergunta é mais capaz de interceptar os sintomas da resposta. Onde você viu o equilíbrio e a intensidade nestes dois cantos? Pelo menos algum fragmento.

Colocação: *No fato de viver a unidade dentro do desígnio do Pai.*

Carrón: O que isso tem a ver? Desculpe, mas onde se fala do “desígnio do Pai” nas músicas que cantamos? Onde está o desígnio do Pai nas músicas que cantamos?

Colocação: *No fato de que cada um está no seu lugar.*

Carrón: Identifique naquilo que cantamos, senão, cantamos como se fosse simplesmente uma decoração musical do gesto.

Colocação: *Na música Il popolo canta, no fato de que cada um está no seu lugar.*

Carrón: “Sinto a vida explodir dentro do coração”. E em *Along the Jordan River*, que fala assim dos discípulos: “Lá no fundo, um fogo queima suas almas, aquece seus corações [explode!] enquanto uma nova consciência cresce; sem Ele não conseguem entender as coisas; lá no fundo, sabem que Ele é o Senhor”. Trata-se de uma unidade tão poderosa que é a origem do equilíbrio.

Colocação: *Ok, então a unidade, o equilíbrio...*

Carrón: Antes de qualquer explicação, Jesus leva os discípulos a fazerem experiência daquilo de que, depois, aos poucos, poderiam tornar-se conscientes. Conosco também aconteceu isso – é o motivo pelo qual estamos aqui. Se nosso coração não tivesse explodido alguma vez, não estaríamos aqui –; agora, dois mil anos depois, nós vivemos a mesma experiência que os discípulos viveram no início. Mas resta a pergunta que você colocou: existencialmente, o que isso quer dizer? Os cantos já nos deram uma sugestão. Se nós estamos atentos a tudo o que fazemos nos nossos gestos, onde os cantos – insisto – não são uma decoração musical, somos ajudados a entrar no âmago do conteúdo do texto. A Escola de Comunidade é um gesto onde tudo fala.

Colocação: *Fico impressionada como Dom Giussani e a Igreja dão um significado tão amplo e verdadeiro às palavras que eu uso normalmente, a ponto de me parecerem novas.*

Carrón: Estão vendo? Na experiência as coisas tornam-se novas.

Colocação: *Lendo o ponto sobre o equilíbrio, fui como que catapultada para o mais fundo de mim. Sempre pensei: uma pessoa equilibrada é uma pessoa ponderada, com uma grande capacidade de dosar suas reações de um modo pertinente à situação, sem defeito, uma pessoa que sabe intervir de modo correto, sem compulsões, etc. No entanto, Dom Giussani escreve: “Falando de equilíbrio [...] não entendo referir-me a uma estabilidade mecânica dos pratos da balança, nas tensões e nas paixões da existência, nem a um cálculo de compensações entre as energias do instinto e da virtude. [...] A origem do equilíbrio [...] é, portanto, a transbordante riqueza do Ser que [...] Se apossa da humanidade e que à humanidade é doada para ser livremente acolhida como único critério de vida” (pp. 341-342). É esse apossar-se da minha humanidade que dá origem ao equilíbrio do qual ele fala? Outro dia, no trabalho, tive uma discussão inflamada com um dos meus colegas, porque não me parecia absolutamente razoável uma decisão que ele tomou. Ambos, agarrados às próprias ideias, fomos embora exaltados, sem possibilidade de um entendimento. Meus colegas, que presenciaram a discussão, me disseram: “Você tem razão. Concordamos com você”. Quando entrei no carro para voltar para casa, estava dominada pelo que tinha acontecido e também amargurada, havia algo de mim que não me agradava e que não me deixava tranquila. Neste ínterim, chegam diversas mensagens de um parente que me silenciam e me enchem de dor pela dificuldade que seu filho está passando. Fico sem palavras, paralisada, quase subjugada. Gostaria de fazer tudo por ele, gostaria de arrancar dele toda a dificuldade e vivê-la no lugar dele... Mas, depois, penso: a única coisa que desejo, no fundo, é que aquele jovem possa ser feliz; e dor é sinônimo de infelicidade? Naquele instante fui dominada por uma intimidade com o Mistério e, de repente, tudo de mim tornou-se diferente, tudo foi envolvido totalmente de modo profundo, e era como se eu estivesse livre novamente. Também voltou todo o mal-estar e a amargura pelo que tinha acontecido no trabalho. Fiquei triste por tudo ter terminado daquele modo; no fundo, não estava de acordo com os meus colegas e, se pudesse, voltaria no tempo e perguntaria a todos: “Por que estamos tão irritados? O que temos para defender? O que há para ver que não vemos?”, como se naquele momento tudo tivesse adquirido outra perspectiva. “O equilíbrio se propõe e se demonstra como isenção de parcialidade e de facciosidade no empenho pessoal para alcançar o ideal de uma completude própria” (p. 342). Então, percebo que isto é muito importante para mim, me interessa poder viver isto, completamente, e não porque censuro algo de mim, porque diminuo ou aumento algo, mas porque há em mim algo tão totalizante que me faz viver plenamente.*

Carrón: Ou seja: o equilíbrio não é simplesmente sermos ponderados, sem defeito, sem compulsões. Seu exemplo mostra isso: se você se irrita no trabalho você não é sem defeito, evidentemente. Você não sai dessa situação simplesmente se esforçando, mas graças a uma experiência plena da presença do Mistério: “Dominada por uma intimidade com o Mistério”, de repente, passa do estar amargurada para o estar livre, tanto é verdade que não quer defender nada, não precisa disso, e gostaria de voltar no tempo para dizer aos outros que tinha olhado as coisas com parcialidade e facciosidade. O equilíbrio do qual o texto da Escola de Comunidade fala, existencialmente significa isso. Para descrever o equilíbrio, Giussani usa a palavra “superabundância”. Ela nos torna tão livres que podemos nos libertar de tudo aquilo que muitas vezes nos bloqueia. Livres não por causa de uma estratégia, mas por causa de uma superabundância. E qual é a origem dessa percepção da vida?

Colocação: *No trabalho deste último período sobre o texto da Escola de Comunidade, eu e meus amigos ficamos muito marcados pelo trecho sobre o equilíbrio, em particular quando Dom Giussani diz: “Viver o mistério da comunhão com Deus em Cristo faz aprender a ver todas as coisas referindo-as a um valor único, pelo qual todos os juízos e decisões começam a partir de uma medida única. [...] Por isso o eu se sente uno com todas as coisas e em todas as coisas, até diante da morte” (p. 341). Quando lemos o que você disse na homilia da missa pela morte de sua mãe – “Todas as vezes que uma pessoa querida se vai, o que fica é a lástima de não poder ir com ela” –, nós dissemos: “Em Carrón, é evidente que Cristo é o máximo da plenitude que se pode desejar”. Esta posição nos deixa nus, nos provoca e nos coloca contra a parede, nos obriga a sermos leais e*

a acertar as contas com a nossa visão da vida, conosco mesmos e com a morte. Qual é o caminho para chegar a essa consciência, também e sobretudo naquilo que não compreendemos? Entendemos que se a nossa fé não chega até aí, no fundo permanecemos apegados a uma ideia nossa de como as coisas deveriam ser.

Carrón: No trecho que você leu, Dom Giussani sugere qual é o caminho para responder?

Colocação: *Antes de mais nada, Dom Giussani diz que há uma superabundância.*

Carrón: E como se chega a essa superabundância?

Colocação: *Através de um caminho de consciência.*

Carrón: Ou seja? Releia o trecho de Dom Giussani que você citou! Porque às vezes nós lemos sem captar naquilo que estamos lendo a resposta que estamos buscando.

Colocação: *“Viver o mistério da comunhão com Deus em Cristo faz aprender a ver todas as coisas referindo-as a um valor único, pelo qual todos os juízos e decisões começam a partir de uma medida única [...] por isso o eu se sente uno com todas as coisas e em todas as coisas, até diante da morte” (p. 341).*

Carrón: Somente um relacionamento pleno com Jesus é o caminho. Não é que a pessoa precisa preparar-se para a morte com alguma técnica particular, prepara-se para a morte vivendo a comunhão com Deus em Cristo. E assim, diante da morte de uma pessoa querida como a mãe, a pessoa pode se surpreender tendo essa autoconsciência, e não porque seja um *Superman*, ou uma pessoa particularmente capaz. Não, simplesmente porque a familiaridade com Cristo tornou-se tão decisiva que não há mais possibilidade de olhar a realidade, de ver as coisas a não ser referidas a esse mistério da comunicação com Deus. Por isso, não é possível pensar na morte a não ser como possibilidade de participar mais – totalmente – daquele relacionamento com Cristo que já começou a viver aqui. Por isso, minha única lástima é não poder ir logo com ela, não por algum tipo de mortificação, mas pela experiência que vivo no presente. O caminho é aquele que Dom Giussani diz: uma familiaridade com Cristo, que produz um fruto que a pessoa percebe em si quase como uma surpresa. Todos os frutos da participação na vida da Igreja que Dom Giussani descreve não é algo que nós consigamos gerar, um produto nosso, êxito de uma estratégia nossa, mas são – justamente – frutos surpreendentes derivados do estar mergulhados na vida da Igreja. Como aconteceu com os discípulos: desde o primeiro instante, “along the Jordan river”, a alma deles queimava por causa de um fogo que permitia a eles adquirir uma nova consciência de si. Nós também, quando começamos a participar de um lugar como o Movimento, o coração explodia, a vida explodia dentro do coração. Somente isso pode permitir viver as coisas sem parcialidade, como se dizia antes, sem facciosidade no empenho consigo. Senão, na vida cotidiana, me escreve uma pessoa do exterior, quando nos vemos diante de um problema, como a preocupação com a saúde, prevalece uma ansiedade que a torna angustiada. A única coisa que a tira dessa angústia é um relacionamento com uma pessoa que se preocupa com ela, e se surpreende, porque a presença de Cristo torna-se tão poderosa que se sente libertada.

Colocação: *No ponto sobre o equilíbrio está escrito que “o equilíbrio [...] é uma riqueza, é aquela superabundância da qual Jesus diz: ‘Uma medida boa, socada, sacudida e transbordante será colocada na dobra da vossa veste’, referindo-se [...] àquilo que é dado por Deus a quem assume a misericórdia do Pai como critério da vida” (p. 341). Quando li esse trecho pensei muito, buscando na minha experiência o que significava.*

Carrón: Bonito, isto! Finalmente a comparação com a nossa experiência começa a ser usada como método: antes de começar a deixar o pensamento girar, buscar na experiência para encontrar o valor das palavras que lemos.

Colocação: *Fiquei surpresa ao reconhecer em mim o critério da misericórdia na experiência da minha vocação: quando olho para os trinta anos de casamento não posso deixar de reconhecer com surpresa Quem construiu dentro dos meus limites e os do meu marido.*

Carrón: “Com surpresa”!

Colocação: *Não devo negá-los ou deixá-los de lado, tornaram-se instrumento de uma história guiada por Outro. Porém, depois, se me vejo em ação na realidade cotidiana, não entendo mais o que seja esse critério da misericórdia. Parece-me corresponder a uma grande anistia, pela qual, no fim, tudo é resolvido com um genérico e forçado “tudo bem”, mesmo quando há divergências, contrastes, incompreensões ou dores. É como se o equilíbrio fosse uma resignação. Mas – em particular para alguém como eu, que tenho um temperamento por natureza pouco conciliador –, não fico em paz nesta grande anistia. Então, penso que o equilíbrio de que Giussani fala seja uma outra coisa. Você pode me ajudar a entender o que é o critério da misericórdia usado no cotidiano?*

Carrón: E você, que depois de trinta anos de casamento ficou surpresa por ter feito essa experiência, quando lhe vem a tentação de perceber o equilíbrio como uma anistia ou uma resignação, que resposta pode dar a partir dessa experiência?

Colocação: *Tenho dificuldade de juntar as coisas.*

Carrón: Exato, porque fazemos uma experiência de equilíbrio, depois surge uma pergunta, justa, justíssima (porque às vezes parece que esse equilíbrio seja, de novo, uma balança, uma resignação, uma anistia, como se fosse tudo igual), mas a experiência que vivemos não nos serve para enfrentá-la. Na experiência que você fez já há um indício da resposta: todos esses anos de casamento que você viveu, estes trinta anos, você pode explicá-los como uma anistia?

Colocação: *Não!*

Carrón: Está vendo? Assim que eu faço você olhar para a sua experiência para julgar sua pergunta, você responde: “Não!”. A paz que você viveu é uma resignação?

Colocação: *Não!*

Carrón: “Não!”. Não teria sido possível. Trinta anos assim teriam sido impossíveis. Você teria explodido antes.

Colocação: *Exato.*

Carrón: Portanto o equilíbrio não pode ser uma resignação. Isso é muito interessante, porque não é que, às vezes, não surjam em nós certas perguntas ou certas inquietações, mas precisamos enfrentá-las e julgá-las. Você não pode ir para a cama sem julgar se é ou não é uma anistia aquilo que você viveu por trinta anos, se é ou não uma resignação aquilo que você viveu por trinta anos. Senão, é como se deixássemos proliferar o vírus sem combatê-lo e, depois, deixamos as coisas correrem. Mas, na sua experiência, o vírus foi vencido, você precisa tomar consciência disso! E, então, dá-se conta de que não é uma anistia, nem resignação, porque – “pão ao pão, vinho ao vinho”, não é que estamos aqui fazendo apologia – embora com um temperamento pouco conciliador, você viveu trinta anos de equilíbrio. “Dentro dos meus limites e os do meu marido”, você disse, sem se poupar nada, viveu um equilíbrio. A misericórdia é parte daquilo que repetimos em outras ocasiões: vivendo, encontramos em nós essa superabundância, por causa da qual “se enfatiza o positivo, mesmo no seu limite, e se abandona todo o resto à misericórdia do Pai” (L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p.159). Começa-se a ter um olhar cheio de misericórdia, conscientes de que o desígnio de Deus se realiza no tempo, não de uma vez por todas. É um caminho que se faz, apesar de sermos cheios de limites.

Colocação: *É surpreendente como, apesar das minhas resistências, Ele sempre volta a me tomar. Lendo o trecho sobre o equilíbrio, eu disse: “Tudo bem, depois da santidade e do milagre, este ponto é fácil. Entendi o que ele quer dizer com equilíbrio: é aquele ‘a mais’ que só o viver dentro do relacionamento com Cristo pode me dar”. Porém, neste período (e não por acaso) estou tendo dificuldade em fazer experiência do que significa viver o relacionamento com Cristo. Sobretudo me entristece muito ter alguns relacionamentos onde digo a mim mesma: “Senhor, por que não Te vejo neste relacionamento?”. Entendo que estou inteira nesse relacionamento, sem isso não poderia sequer dizer o meu nome. Mas, sendo um relacionamento, me é pedido vivê-lo e não “entendê-lo”. Exatamente como acontece no relacionamento com meu marido. De que me serviria entendê-lo e só? Eu quero vivê-lo. Um querido amigo ficou doente e, imediatamente, fiquei com raiva porque*

pensava que não era justo. Na verdade, durante quase um mês não consegui nem ir visitá-lo, estava com muita raiva de Deus.

Carrón: Acontece de tudo na complexidade da vida. Não precisa se assustar.

Colocação: *Depois, um dia, fazendo Escola de Comunidade, retomei a colocação feita no último encontro onde se dizia que tudo, tudo, até o limite, a tristeza, tudo pode ser ocasião para o meu relacionamento com o Mistério. No fim, fui até uma amiga, chorando, e disse a ela que estava com muita raiva por causa da doença desse amigo nosso. E ela me repetiu que tudo, até a minha raiva, pode ser ocasião de relacionamento com Cristo e que não importa como eu estou, mas importa ir até o fundo. Assim, depois de alguns dias, tomei coragem e escrevi ao meu amigo tudo o que estava vivendo em relação à sua doença, minha raiva, e ele me agradeceu! Inacreditável. Disse-me que era um espetáculo eu poder falar com ele assim, poder ser eu mesma e me jogar desse modo no relacionamento com ele. No sábado seguinte, convidou-me para ir à sua casa com alguns amigos para cantarmos. Você não pode imaginar a beleza dos cantos que fizemos juntos, improvisados, mas mais bonitos do que, às vezes, quando os preparamos! Ali, naquela tarde juntos, ficou evidente para mim o que é o equilíbrio de que fala o texto. Um “a mais”, uma superabundância da qual sou objeto. Porém, para dar-me conta, eu precisei encarar aquele relacionamento, mesmo estando irritada, mas dentro do relacionamento. É claro que nada se resolveu, não diminuiu a minha dor pela situação do meu amigo, nem a dele, porém, dentro do relacionamento com Cristo, tudo é mais verdadeiro para mim.*

Carrón: É o caminho sobre o qual se perguntou antes. Não é porque começamos este caminho que os “golpes” da vida nos são poupados. Se não O vemos vencer em todas as vicissitudes da vida, se nos sentimos derrotados nessas vicissitudes, cedo ou tarde nos tornamos céticos. Então, está tudo bem quando estamos na Escola de Comunidade, está tudo bem quando falamos com os amigos, mas depois, diante dos desafios... Não sermos poupados por Deus é a única forma de podermos ver a vitória de Cristo. Por isso, ou começamos a amar nossa humanidade assim como é – “como é humana a minha humanidade! –, uma humanidade que fica com raiva, que não se resigna, que não oferece anistia diante daquilo que não entende, mas que é leal até o fundo consigo mesma, ou estamos acabados. É aí, justamente diante da sua dor, que começa a beleza, porque, como Dom Giussani nos sugere, essa também é uma oportunidade de viver o relacionamento com Cristo: “Viver o mistério da comunhão com Deus [...] faz aprender a ver todas as coisas” a partir deste relacionamento. Não é que primeiro você precisa resolver o problema da raiva e depois começar o relacionamento com Cristo; você se relaciona com Ele com a sua raiva, assim como é, com a sua humanidade, com as suas feridas, com os seus sofrimentos, com suas labutas e, ali, acontece a surpresa: uma superabundância. Se nós pudéssemos gerá-la sozinhos, por que precisaríamos d’Ele? A superabundância acontece no meio da dor, e não porque as coisas, de repente, ficam bem, mas porque Cristo está presente: ainda bem que você existe, Cristo, e eu, qualquer que seja a situação, posso entrar em relacionamento com Você. “A origem [a origem, aquela que nunca devemos perder] do equilíbrio da santidade [como já lemos] [...] é [esta] transbordante riqueza do Ser [esta superabundância; olhem a palavra que Dom Giussani usa] que [...] se apossa da humanidade” (p. 342). Toma posse da raiva da nossa amiga, da sua humanidade, e a faz mudar de postura em relação aos colegas, tanto que gostaria de dar marcha à ré e voltar. Apossa-se da raiva pela doença do amigo. Apossa-se da raiva da outra amiga que tem dificuldade de distinguir o equilíbrio da resignação. Faz-nos escancarar novamente o olhar, libertando-nos da nossa facciosidade, da nossa maneira parcial de viver as coisas. Mas a pessoa gostaria de entender logo – não é verdade? – e começa a oscilar.

Colocação: *Conto um pequeno fato que me recolocou em caminho. Algumas semanas atrás uma colega me magoou, julgando-me injustamente. Caí num buraco negro, perdendo minha identidade. Perguntei a mim mesma: “Então, quem sou eu se ela vê só isso de mim?!”. Comecei a perguntar às colegas com quem tenho mais proximidade: “Vocês veem isso de mim?”, piorando cada vez mais a situação.*

Carrón: Atenção! É muito bonito este passo: pensa que pode sair da situação com a própria estratégia e se vê pior do que antes.

Colocação: De fato...

Carrón: “De fato”.

Colocação: *De fato, não só comecei a me medir (tentando evitar certas coisas para não causar problemas), mas também a medi-la, e o que ela fazia.*

Carrón: Perfeito!

Colocação: *Resultado: fiquei humilhada e triste! E não sabia mais de onde recomeçar. Depois, li o trecho que diz: “A origem desta riqueza é uma consciência decididamente orientada para Deus. [...] Faz aprender a ver todas as coisas referindo-as a um valor único, pelo qual todos os juízos e decisões começam a partir de uma medida única: [...] uma única realidade como critério e medida e modos inunda com a sua luz todas as coisas” (p. 341). Então, lendo essas linhas percebi o que eu desejava, ou seja, este olhar, mais do que qualquer outra coisa, mais do que aquela medida, porque minha tentativa de analisar a mim e a ela tinha me abatido! E reconheci que na minha vida esse critério único já existe em um lugar e com rostos precisos. De fato, naqueles dias, voltando sufocada para o apartamento, a verdade com a qual olhava algumas questões me restituía o meu rosto e recolocava no meu coração o desejo de olhar tudo com aquela verdade, até a minha colega! Porém, dentro desse reconhecimento, vivi ainda outra oscilação, up-and-down, momentos de liberdade e momentos de prisão. Então, queria perguntar: como é possível recomeçar, em cada momento, a partir daquele critério único?*

Carrón: Antes de mais nada, o que significa “oscilação”?

Colocação: *Que às vezes estou livre e às vezes estou presa.*

Carrón: Então, já há momentos em que você é livre.

Colocação: *Sim.*

Carrón: Já há essa liberdade na sua experiência. Quanto ao resto, onde ainda lhe falta tal liberdade, é uma ocasião para verificar se o que você viveu em algum momento da sua experiência lhe serve para enfrentar tudo, e para que você possa alcançar a certeza de que isso não vale só para algumas situações, mas para tudo, segundo um critério único. Você acabou de usar uma frase do livro: “A origem desta riqueza é uma consciência decididamente orientada para Deus” (p. 341). Percebamos que Dom Giussani está nos colocando constantemente diante do único critério: um relacionamento. Ele o chama de “consciência decididamente orientada para Deus”, “viver o mistério da comunhão com Deus”, “a transbordante riqueza do Ser”, o relacionamento com o Ser; são, todas, modalidades diferentes de descrever esse critério, o mesmo critério com o qual começou a história “along the Jordan river”, ao longo do rio Jordão: aqueles dois viveram um relacionamento com Alguém que introduziu para sempre na história esta paixão, este fogo que queima dentro do coração e do qual nós continuamos a participar. De fato, sentimos a vida que explode dentro do coração. Isso está ao alcance de todos, não depende do temperamento ou da estratégia, mas de quanto nós participamos deste relacionamento, de quanto cresce em nós uma consciência “decididamente orientada para Deus”. “Não é [...] o equilíbrio que poderíamos alcançar por meio de técnicas que visassem a dosar com sabedoria as forças em jogo; [mas] é o equilíbrio do *homo viator* [do homem em caminho], é uma dinâmica destinada a tornar mais concreto e completo o caminho, mais plena a peregrinação nesta terra, uma vez que se colocou ao nosso lado, caminhando conosco, Aquele cuja plenitude explica a vida e a dá de mão cheia. ‘Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho?’” (pp. 343-344). Se aos discípulos de Emaús tivesse sido poupada a tristeza de voltar para casa desiludidos depois da Sua morte – “Nós esperávamos que..., mas...” –, não teriam feito aquela experiência única ao tê-Lo encontrado pelo caminho: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho?”. Portanto, a única questão é que estejamos atentos. Por que é importante prestar atenção? Porque “pode-se passar ao lado do milagre, do equilíbrio humano, da intensidade da experiência da santidade na Igreja [onde Cristo age] com uma atitude de perfeita alheação [sem vê-lo, e não porque não aconteça, mas por causa da nossa alheação]. Isso, porém, significaria não ter querido passar pelo crivo da própria experiência autêntica as características da

Igreja” (p. 345). Giussani nos ajuda também nisso: “Para ‘ver’ [para ver; não se trata de imaginarmos aquilo que não existe, mas de ver, de poder nos darmos conta de algo que existe], e para crer, os olhos [os olhos, não a imaginação, não a fantasia, não os sonhos: os olhos!] devem saber pousar sobre o seu objeto com um olhar animado por um mínimo de simpatia” (p. 345). É aqui que tudo se joga, na simpatia que nos faz interceptar a Sua presença nos sinais, nas características da santidade cristã, nos frutos da Sua presença que muitas vezes nos escapam. Esta é a condição, diz Giussani: não é preciso uma capacidade particular para interceptar esses sinais, basta uma simpatia, que é “a condição natural para todo e qualquer conhecimento. [...] ‘O amor dá olhos para ver: o próprio fato de que se ama faz ver’” (p. 345). É o contrário de qualquer moralismo, de qualquer autoconvencimento, de qualquer estratégia. É fácil: basta amar para ver, porque o milagre é a modalidade com a qual Deus cuida de nós. Nossos amigos de Florença viram isso em Caterina Morelli, uma amiga da Fraternidade que faleceu recentemente. Depois do funeral, um deles me escreveu: “Impressionou-me como a Escola de Comunidade esteve não só presente nestes dias, mas como sem ela teria perdido muitas das coisas que, no entanto, eu vi”. É esta a ajuda que a Escola de Comunidade nos dá: não nos faz inventar as coisas, mas nos oferece a oportunidade de nos colocarmos na postura correta para ver o que está acontecendo (nosso amigo diz: “Eu vi”, não: “Imaginei, criei, me autoconvenci”, mas: “Eu vi”). “A santidade: acho que foi a coisa mais evidente a todos. Confortou-me muito estar diante da Caterina pensando que estava diante de uma santa. Isso, obviamente, não tirou nem a dor nem o pedido nem a desproporção do que aconteceu [porque não era inventado, não era algo fictício], mas diante daquele corpo há tempos doente (doente: uma coisa que o mundo rejeitaria, descartaria, sufocaria) ecoavam triunfantes os sinais da santidade que Dom Giussani está nos ensinando neste período. O milagre: ninguém pode dizer que não aconteceu um milagre, desta vez realmente distante de qualquer imaginação. Nos dias, meses, anos [não é um momento de exaltação coletiva, de ilusão geral; uma ilusão geral não pode durar dias, meses, anos] passados, todos sempre rezamos ‘por outra coisa’, porque – não nos enganemos – todos esperávamos que em um sinal poderoso do Céu o inexorável fim fosse revertido, mas todos estivemos diante de uma coisa jamais vista, inimaginável um instante antes: o milagre de um povo que despertou [despertou!], que se moveu, que começou a pedir também para si um pedacinho daquela coisa grande que estava acontecendo naquela moça. O equilíbrio: Dom Giussani nos diz que o equilíbrio não é uma estabilidade da vida, mas uma riqueza da vida que só pode nascer da superabundância das coisas que foram doadas. Então, Caterina nos fez ver que a vida equilibrada, ou seja, a vida unida, vem só do abraço às coisas que nos acontecem: quem não gostaria de viver as pequenas coisas e as grandes batalhas tendo o mesmo olhar de Caterina? Quem não deseja para si esse olhar capaz de abraçar a vida e a morte? A intensidade: isto só entendi bem, no funeral. Uma intensidade de relacionamentos gerados por uma vida vivida, também de grande dor, uma intensidade rasgou o céu e nos fez perceber com os olhos cheios de lágrimas que a vida não pode acabar quando o corpo adocece, quando o coração para de bater”. Então, “a vontade de Deus torna a vida não apenas suportável, mas a torna plena, perfeita, porque render-se à vontade de Deus é a única coisa que conta na vida, e os santos são um ponto luminoso numa noite escura. ‘Eu não te esquecerei nunca’”. É isto que podemos ver quando aceitamos que prevaleça a simpatia, o amor por aquilo que vemos acontecer diante dos nossos olhos.

Mas há uma última pergunta, enviada por uma pessoa que não pôde vir por motivos de trabalho, e que coloco: “O que Dom Giussani quer dizer com a palavra ‘intensidade’”?

Colocação: *Não sei bem o que está acontecendo na minha vida. Encontrei o Movimento muitos anos atrás, posso dizer que vivi uma vida e uma experiência intensa no Movimento, tive a “sorte” de encontrar Dom Giussani pessoalmente. Depois, me formei, casei-me, tenho uma bela família, uma carreira profissional discreta. Também passei muitos anos no esquecimento, voltado para outras coisas. Porém, sempre estive aqui, agarrado às pessoas (minha mulher, meus amigos mais próximos) que o Senhor colocou do meu lado. Hoje, vivo uma verdade e uma consciência que tinha quase esquecido. Digo “quase” porque, no fundo, não é possível esquecer aquilo que se encontra.*

Hoje, tudo nos meus dias é determinado, está impregnado da Sua presença. Não há momentos que não o sejam. Ora, não me aconteceu nada de extraordinário, não é que voltando para casa do escritório tenha caído do cavalo – até porque ando de carro e isso não pode acontecer! –, porém, tudo nos meus dias se torna excepcional. Dia após dia, tudo aconteceu assim. Fazendo o quê? Simplesmente seguindo o Movimento, não fiz outra coisa. Poderia contar muitos episódios – poderia falar do relacionamento com meus filhos, como mudou, do olhar de minha esposa, do relacionamento com meu chefe, da curiosidade que meus colegas têm quando me veem de manhã, antes de começar a trabalhar, em um canto do escritório lendo o texto da Escola de Comunidade (portanto, começa um diálogo) –, com um único denominador comum: Jesus Cristo. Não há outra coisa. Minha vida é inevitavelmente, milagrosamente envolvida por Ele. Depois de uma discussão, uma vez que Deus usa tudo, nasceu uma esplêndida conversa com uma de minhas filhas, que é adolescente. Depois dessa conversa, durante o dia ela me escreveu: “Obrigada, papai. Foi bonito, verdadeiro e útil”. Então, alguma coisa de verdadeiro é possível se você está diante daquela Presença. É útil porque me serve, portanto, sigo-O, como aconteceu nestes anos. E juro a você, eu não decidi mudar a mim mesmo. E imagine se sou capaz de mudar as circunstâncias, que são as mesmas de sempre, com as alegrias, as irritações, as dificuldades, os riscos (porque a vida também é cheia de riscos). Porém, neste momento, a única coisa que é clara para mim é que, estando diante dessa Presença, estando agarrado a essa Presença, nada me dá medo. Pode acontecer qualquer coisa, mas nada me amedronta. Acrescento: nem a morte. Antes, diante do pensamento da morte, sentia uma certa angústia, mesmo sendo de CL, talvez não angústia, mas uma preocupação. Agora, não mais.

Carrón: Esta é a intensidade que a vida pode adquirir. Há uma origem que você quase esqueceu, mas que agora domina o seu dia. O que é preciso? O que produziu essa excepcionalidade? Simplesmente o fato de seguir o Movimento. Mas, nós ainda acreditamos que seguir o Movimento com essa consciência pode levar a vida a uma intensidade assim? Uma intensidade pela qual a pessoa percebe que, em tantos episódios e fatos, o denominador comum, o que dá a eles unidade, o critério único, é Cristo, com quem a vida está totalmente implicada. Por isso, a conversão não é uma decisão de mudar a mim mesmo, de produzir uma mudança de mim mesmo; é simplesmente surpreender o próprio eu mudado, seguindo um Outro. O que significa essa intensidade? Diz Dom Giussani: é “um ‘tender para’ [...] é uma ‘tensão a’, porque se a intensidade é uma riqueza, esta riqueza flui em você dentro de algo ao qual você se abre, ao qual tende, em direção ao qual está tenso [aquela Presença para a qual estamos voltados]. [...] A que precisamos tender para que reflua em nós essa riqueza que nos torna intensos? [...] Uma riqueza é tal na medida em que se sente e vive a própria existência *destinada a*; gostaria de tocar, pela primeira vez, naquilo que dissemos acima agora: tender a quê? Para sermos intensos, precisamos tender a que coisa? [...] A intensidade [...] é desejo ardente da glória de Cristo. A glória de Cristo é Cristo que se desvela a todos os olhos, a todo olhar e a todo coração como a consistência de tudo. E isto não só não nivela ou torna planas todas as coisas como se tudo fosse homogêneo, mas em cada coisa exalta a individualidade irreduzível, a personalidade irreduzível”, como vimos. Que essa intensidade possa vibrar em nós, como vibra em você pela sua filha e pelos colegas, e como vibrou na amiga que gostaria de voltar para dizer aos colegas o que tinha lhe acontecido. A intensidade é esta “paixão pelo mundo, o pesar porque os homens não conhecem Cristo [...]: ‘porque Cristo não é reconhecido’” (L. Giussani, *Vivendo nella carne*, BUR, Milão 1998, pp. 258, 259, 261), e então carregamos uma tendência a comunicá-Lo. Mas, por que temos essa tendência a comunicá-Lo? Porque nos foi dada gratuitamente e urge dentro de nós: quanto mais a vida é bonita, mais a pessoa quer comunicar isso aos filhos, aos colegas e àqueles que encontra pelo caminho! Esperamos poder comunicar essa intensidade, que nada mais é do que a vitória de Cristo na nossa vida. Neste momento em que o medo domina, a confusão esmaga e o niilismo parece levar a melhor, nós nos encontramos esta noite para falar da transbordante riqueza do Ser e da vida, que acontece quando a pessoa segue com simplicidade aquilo que lhe aconteceu.

Avisos:

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 20 de março, às 21h00. Depois de ter trabalhado sobre a unidade e a santidade, abordaremos os outros dois “frutos” da presença de Cristo na vida da Igreja: a catolicidade e a apostolicidade, da página 345 a página 354.

O número de Passos de março tem como título “A aventura do diálogo”. No contexto em que vivemos, onde tudo pareceria determinado antes de mais nada, ou só, pelas reações, podemos olhar a experiência em ato de tantas pessoas que reconhecem a necessidade de um diálogo justamente a partir daquilo que temos em comum. Vocês poderão descobrir isso em muitos fatos descritos neste número de Passos, em particular nos encontros acontecidos no Egito durante a apresentação de *A beleza desarmada* (Cia Ilimitada) na Biblioteca de Alexandria. É impressionante como esse gesto quase não programado, mas que aconteceu, tenha ocorrido um mês antes do que vimos o Papa fazer em Abdu Dhabi: um momento de diálogo com um mundo que pareceria estranho e que, ao contrário, promoveu e acolheu uma iniciativa como a que vimos em Alexandria.

Dentro de quinze dias começa a Quaresma. Todos os anos a Igreja nos propõe este tempo como ocasião para retomarmos nas mãos nossas vidas, nossos dias e para que cada um possa se perguntar: “Estou seguindo Jesus dentro da história na qual se apresentou a mim? Quais sinais me mostram que O estou seguindo?”. Usemos este tempo que nos é oferecido, e nosso horizonte se alargará.

Veni Sancte Spiritus